

## Prefácio

### *Porque esperámos tantos anos para publicar este livro?*

Escrevi o meu primeiro romance, *O Último Cabalista de Lisboa*, em 1992 e 1993, depois de completar um ano inteiro de investigação sobre a vida quotidiana em Portugal no século XVI. Esperava ter criado um romance cativante e de relevo, mas quando o meu agente literário em Nova Iorque começou a enviar o manuscrito às editoras, em breve se tornou evidente que elas consideravam a localização – Lisboa em 1506 – um problema fatal. No ano seguinte, o livro foi rejeitado por mais de dez editoras americanas. Todas diziam que estava muito bem escrito, com uma narrativa empolgante, mas que os americanos não comprariam um livro sobre uma coisa passada em Portugal quase quinhentos anos antes. Embora o meu agente tenha prometido continuar a tentar encontrar uma editora, comecei a ficar extremamente deprimido. Tinha levado mais de três anos a completar o projeto, e parecia cada vez mais evidente que nunca chegaria às livrarias nos Estados Unidos, nem na Grã-Bretanha. Foi então que uma escritora minha amiga me deu um conselho excelente; disse-me que, em vez de me dedicar à causa pouco provável de encontrar uma editora para *O Último Cabalista de Lisboa*, devia começar a escrever um segundo romance.

Dadas as dificuldades que as editoras americanas tinham com um romance histórico, decidi escrever uma narrativa contemporânea. Nessa altura, eu estava a fazer o difícil luto pelo meu irmão, morto de sida em 1989. Pareceu-me natural escrever sobre as minhas experiências com ele, e sobre a forma como a pandemia da sida lançara uma

negra sombra sobre a vida na área da Baía de São Francisco nos anos 80 do século passado, quando eu vivia em Berkeley com o meu futuro marido, Alexandre Quintanilha. Ano e meio depois, tinha terminado o livro, dando-lhe o título de *Unholy Ghosts, Insubmissos*, na edição portuguesa. Conta a história um jovem e talentoso guitarrista clássico do Porto – António – que descobre ter apanhado o vírus VIH. Fica cheio de medo e entra em desespero. Dado que, à época, a sida equivalia a uma sentença de morte, o seu professor de guitarra, de nacionalidade americana, apercebe-se de que o jovem poderá ter apenas alguns anos para desenvolver uma carreira. O professor decide então desistir do seu próprio desejo de continuar a trabalhar com António, a quem se sente muito ligado, de maneira a descobrir-lhe um mentor mais talentoso, que possa ajudá-lo a progredir mais rapidamente. Os dois decidem fazer uma viagem até Paris, para convencer um virtuoso mundialmente reconhecido, recomendado por um amigo, a aceitar o jovem como aluno. Mas em breve surge um problema: o pai de António – que não consegue aproximar-se do filho por não aprovar a sua homossexualidade – insiste em acompanhá-los na viagem. Embora o pai – Miguel – torne bem claro que quer fazer as pazes com o filho, António não confia nele e fica cada vez mais furioso e perturbado. E, assim, o romance transforma-se na história de três viajantes vulneráveis e com os nervos à flor da pele, numa jornada desesperada até Paris, na esperança – cada um à sua maneira – de encontrar uma qualquer forma de reconciliação e redenção.

Quando acabei *Insubmissos*, em 1995, *O Último Cabalista de Lisboa* já fora rejeitado por 24 editoras norte-americanas, e o meu agente literário desistira do projeto. Fiquei desorientado e deprimidíssimo, mas uma ideia «louca» salvou-me: porque não tentar encontrar um editor em Portugal? Acabei por enviar o manuscrito à Maria da Piedade Ferreira, da Quetzal Editores, uma editora sugerida por alguns escritores que conhecia. Umhas semanas mais tarde ela respondeu que tinha gostado muito do livro e que estava entusiasmada com a ideia de uma edição portuguesa.

Enquanto *O Último Cabalista de Lisboa* estava a ser traduzido, enviei *Insubmissos* para uma pequena editora com sede em Londres. O diretor disse-me – para grande surpresa e alegria minha – que

achava o romance uma leitura empolgante, e queria publicá-lo o mais depressa possível.

*Insubmissos* saiu no Reino Unido e nos EUA em 1996, pouco depois da edição portuguesa de *O Último Cabalista de Lisboa*. Dada a forma como ele explora o efeito da pandemia da sida sobre as principais personagens, revelou-se impossível conseguir críticas ou entrevistas e vendeu apenas o suficiente para dar um pequeno lucro à editora.

Felizmente, o que aconteceu com a edição portuguesa de *O Último Cabalista de Lisboa* foi bastante diferente. Duas semanas depois de ter saído, chegou a número 1 na lista dos *best-sellers*. E teve críticas excelentes. Em consequência disso, a Maria da Piedade perguntou-me se eu tinha outro livro que ela pudesse publicar. Dei-lhe o manuscrito de *Insubmissos*. Cerca de uma semana mais tarde, ela telefonou-me a dizer que o achara muito comovente. Tinha gostado especialmente das personagens. Disse-me que teria muito gosto em publicá-lo, mas acrescentou que achava que não devíamos fazê-lo. Porquê? Ela receava que houvesse represálias contra mim, por explorar temas que nessa altura eram em grande parte tabu em Portugal. Resumindo, alguns editores de jornais e revistas conservadores poderiam muito bem esforçar-se ao máximo para nos destruir, a mim e ao livro.

Embora uma reação negativa por parte da imprensa me intimidasse, em breve me ocorreu uma possibilidade pior. Nessa altura, eu ainda não tinha cidadania portuguesa. Podia dar aulas na Escola Superior de Jornalismo do Porto porque tinha um visto de trabalho. E se o Ministério da Administração Interna decidisse não o renovar? Se isso acontecesse, não teria como ganhar a vida e teria de sair do país. E o Alex teria de deixar de dar aulas e abandonar todos os seus planos de criar um centro de investigação científica no Porto.

Sim, a possibilidade de me ser negada a renovação do visto de trabalho pareceu-nos muito real, a mim, ao Alex e à Maria da Piedade em 1996. Não será necessário lembrar que, nessa altura, a homossexualidade era considerada um desvio perigoso por muitos políticos portugueses e outras vozes de peso. De facto, seria

necessário esperar mais catorze anos até a Assembleia da República aprovar o casamento homossexual e conceder a igualdade de direitos a cidadãos *gay*. Além disso, nos anos noventa, quase toda a gente em Portugal – políticos, jornalistas e outros – se recusavam a discutir a sida de forma séria.

Eu não podia arriscar-me a ser desancado na imprensa e ver-me recusada a renovação do visto. Por isso, a Maria da Piedade e eu decidimos não publicar o livro.

Com o passar dos anos, escrevi muitos outros romances e, basicamente, esqueci-me deste. Mas quando começou a pandemia da Covid-19, espalhando-se pela Europa e pela América, eis que outra doença potencialmente fatal volta a ser o principal foco dos meios de comunicação, bem como tópico das conversas diárias entre amigos. De repente ocorreu-me que talvez tivesse chegado o momento certo para publicar *Insubmissos*. Os meus editores da Porto Editora concordaram de imediato.

Curiosamente, depois de a minha tradutora, a Daniela, ter iniciado o seu trabalho, voltei a ter medo de sofrer represálias por causa do livro, embora Portugal tenha evoluído enormemente desde 1996. Decidi que precisava de ter a certeza de que a qualidade do livro estava à altura dos meus níveis habituais, antes de permitir que o publicassem. Ao fim e ao cabo, eu tinha-o escrito quase vinte e cinco anos antes, quando era uma pessoa muito diferente, e tinha menos experiência como escritor.

Depois de terminada a tradução, comecei a fazer a minha revisão e descobri, para grande alívio meu, que a narrativa era concisa e inteligente. Gostei de verificar que a ação do livro era rapidamente impulsionada pelos conflitos entre as principais personagens. Também achei a figura do professor tão perspicaz como espirituosa. Mais importante ainda, a narrativa pareceu-me inteiramente fiel à minha diversidade de sentimentos nessa altura.

Claro que todos os livros têm falhas, e sem dúvida que *Insubmissos* terá os seus. E, contudo, tenho muito orgulho nele. Agora, ao fim destes anos todos, sinto que, sem o saber, escrevi um livro muito corajoso e honesto. E estou felicíssimo por ter uma edição portuguesa. Na verdade, parece ser uma parte da redenção que as minhas três

personagens principais desejavam encontrar durante a sua viagem até Paris, há tantos anos.

Richard Zimler  
Lisboa, 1 de setembro de 2020

*Parte I*

# 1

Querido Carlos,

No século VII, o bispo Ferreolus de Grenoble excomungou um pão, que imediatamente ficou preto e duro como um pedaço de carvão.

Que teria o pão feito para merecer tal destino?

A lenda de Ferreolus não nos dá essa resposta. Mas porque qualquer tipo de pão, seja em que século for, só pode ser ele próprio, o crime deve ter residido na sua própria natureza – a sua *panidade*.

Não é preciso fazermos nada para sermos condenados neste mundo. Era essa a mensagem que o bom do nosso bispo quis passar aos cristãos de Grenoble. Um homem, tal como um pão, pode ser castigado – até mesmo condenado à morte – em virtude da sua natureza.

Ou pode ser obrigado a esconder o seu amor até ao fim da vida, como um leproso em que ninguém ousa tocar.

Estou a falar de ti, Carlos.

Perdoa-me se isto te parece exagerado. Tenho andado a emborcar *ouzo* o dia todo. E recordo-me da expressão chocada de um tipo que apunhalei há umas horas. Não fui a correr atrás dele. Ao fim de algum tempo, a única coisa que me preocupou foi a mancha de sangue que deixou no fofo tapete azul onde limpamos os pés assim que transpomos a porta.

Não, não o conheces.

Não creio que vá à Polícia, porque ele é como tu. Mas posso estar enganado.

Tinhas a certeza de que eu nunca mais te contactaria, não tinhas? Acho que tenho andado a brincar às escondidas com as palavras. Sei, claro, que não vais querer nenhuma delas, a menos que te dê alguma coisa em troca. Por isso, aqui vai... Lembras-te de como andavas sempre a querer saber quais os segredos íntimos que partilhava com o meu irmão? Ora aqui tens a tua oportunidade de descobrir; segue em anexo a carta que lhe escrevi há quase um ano, logo após a minha última ida a Nova Iorque; a mesma carta que gerou uma discussão tão amarga entre nós, só porque me recusei a deixar que a leses. Gostarás de descobrir que nela falo brevemente de ti, logo no primeiro parágrafo. Por isso, faz-me um pequeno favor e continua a lê-la. Aqui vai...

Monsaraz, Portugal

Querido Harold,

Acabo de ter um estranho e fascinante encontro que me deixou verdadeiramente feliz pela primeira vez em vários meses – desde que o Carlos começou a afastar-se de mim, penso. Tudo começou esta manhã por volta das dez, quando dei com um velhote na entrada principal de Monsaraz. Encontras esta vila no mapa que te dei, uns sete a oito centímetros para a direita de Lisboa, mesmo ao pé da fronteira com Espanha. Tinha-me levantado pouco depois do cantar do galo, deixando o Carlos a dormir na cama, e resolvi ir dar um passeio pelos campos circundantes. Estava mesmo a regressar à vila quando me deparei com ele. Era um desses camponeses idosos que inspiram os romances italianos: minúsculo, peito largo e arqueado, mãos enormes e crestadas pelo sol. Tinha as unhas sujas, uma barba de vários dias nas faces redondas, e o cabelo grisalho, cortado rente, espreitava-lhe por trás das orelhas. O casaco escuro do domingo e as calças de lã apresentavam vestígios de terra. Não tinha gravata, mas a camisa branca estava abotoada até ao colarinho. Trazia na mão um chapéu de feltro cinzento com uma larga



fita preta, já fora de moda, e caminhava com movimentos lentos e desajeitados, balançando-se de um lado para o outro, como se estranhasse a liberdade dos ombros.

Parecia saído de uma fotografia do Portugal profundo do virar do século.

E os olhos! De um verde-claro, lindos, encovados na pele tisonada, mais jovens e vivos do que o resto do corpo. Olhos que deviam ser de um santo. Parecia ter cerca de setenta anos, mas os camponeses envelhecem cedo sob o peso das charruas medievais que ainda se usam aqui em Portugal. Talvez tivesse mesmo uns cinquenta e cinco anos, ou à volta disso.

Quando eu ia a passar sob o arco de pedra que guarda a rua principal da vila, acenou-me com o chapéu. Estava sentado num muro baixo que delimitava uma casa onde desabrochavam rosas de um vermelho-sangue. Cumprimentei-o no meu português com sotaque carregado. Ao levantar-se, apercebi-me de que tinha as calças muito apertadas. Não parecia nada envergonhado com isso, o que achei bastante comovente. Sabes, é como se fosse um indício da vida de aldeia – como se as pessoas aqui fossem aceites com todas as suas excentricidades. Talvez não passe de uma ilusão; talvez até seja mais difícil ser diferente e vulnerável numa terra do fim do mundo como esta. Mas o facto é que o seu súbito sorriso desdentado me pareceu benevolente e generoso. Com um gesto largo de mãos, apontou para o outro lado da rua, dizendo qualquer coisa que não entendi bem. A sua voz rouca chegou até mim como uma rajada de vento sobre um monte de pedras.

– Onde é? – perguntou, quando viu que eu não entendera o que tinha dito.

– Dos Estados Unidos, Nova Iorque – respondi.

– Ah, Ronald Reagan – disse ele, anuindo com ar entendido. Pronunciou o primeiro nome do nosso ex-Presidente «Runal».

– Exatamente – respondi.

– A minha aldeia – disse o camponês, varrendo o ar com a mão em arco. Fechou os olhos por um instante, como se uma recordação difícil a isso o obrigasse, mas a seguir fez que sim com a cabeça e sorriu-me.

Começámos a caminhar juntos, devagar, a minha cabeça pairando bem acima da sua. Descemos em silêncio a rua, sem olharmos sequer um para o outro, até que ele parou para oferecer a mão a uma borboleta vermelha e amarelo-âmbar que abria e fechava as asas no topo de uma erva que se atrevera a romper por uma fissura entre as pedras da calçada. Ajoelhou-se lentamente, estendendo a mão devagar e com cuidado. Quando parou junto à folha onde a borboleta resolvera pousar, o inseto fechou as asas e passou as patas aguçadas e pretas para o seu novo pedestal. Era como se a criatura sentisse que ele era uma alma bondosa. Ou como se se conhecessem e fossem amigos.

O camponês levantou o seu visitante até à altura dos meus olhos.

– Uma borboleta – sussurrou com uma certa gravidade, como se naquele momento segurasse a réplica minúscula do feiticeiro da aldeia. Lentamente, estendeu a mão na minha direção. No momento, porém, em que se aproximou da minha, a borboleta levantou voo. Ficámos a vê-la adejar as asas até desaparecer no céu. Ele riu-se, baixou a mão e encolheu os ombros.

Foi realmente um grande momento. Eu e ele ali de pé, juntos e em silêncio, a ver uma borboleta deixar-nos para trás. Mas era apenas o começo.

Desculpa. Acabo de perceber que me precipitei com o entusiasmo. Deixa-me descrever-te Monsaraz, para poderes imaginar-me lá junto do camponês.

Pensa numa aldeia de pedra branca, uma excêntrica coroa de marfim pousada numa almofada de musgo – a colina mais alta e, em redor, quilómetros a perder de vista.

Consegues vê-la?

Ou, então, imagina um fresco de Giotto, uma daquelas vilas no cimo de uma colina da tua tão amada Umbria. Agora pinta todas as casas de branco. (Sim, parece-me ser uma imagem melhor para ti.)

De longe, ao regressar do meu passeio da madrugada, eu tinha imaginado miúdos a jogar futebol nas ruas, velhas a conversar à janela. Mas, depois de entrar na orla da coroa de marfim, caminhando ao lado do camponês, percebi que a vila estava vazia. Suponho que já todos estivessem na igreja. Ou, então, ainda a dormir. Afinal, era

domingo de manhã, e os portugueses dormem até tarde ao fim de semana. Não se pode dizer que as ruas estivessem completamente desertas. Cães hirtos, minúsculos e de focinho peludo passavam por nós, desconfiados. Um rafeiro castanho com uns olhos pretos ameaçadores parou e pôs-se a ladrar, até o meu guia o acalmar com pedidos meigos: «Não ladres... chiu... vá lá... chiu... está tudo bem. Isso... isso mesmo... vai brincar com os teus amigos.»

Enquanto ele falava, pus-me a espreitar por entre as ameias da muralha que rodeia a vila. Várias dezenas de metros abaixo de nós estendiam-se campos verdes e dourados, rumorejantes de oliveiras e sobreiros. Algures ao longe, sob o halo violeta do horizonte, a fronteira espanhola. O céu era do azul profundo dos verões sonhados. Uma brisa meiga vinda de leste trazia até nós um perfume de orvalho e de azeite.

O velho camponês guiou os meus passos pela rua de um branco ofuscante, ladeada por casas térreas, todas encimadas por telhados de um laranja-acobreado. Detalhadamente, apontando com um dedo grosso e de pele curtida, falou da cooperativa das lãs, da igreja, do café, da praça de touros – todos os pontos de referência construídos com tantos anos de trabalho e esforço. Levou-me até casa dele, ao fundo da rua, mesmo à entrada da praça de touros. Junto da fachada, cresciam sardinheiras cor-de-rosa e ao lado da porta pendia um cesto de verga cheio de papoilas vermelhas.

– Entre... seja bem-vindo – disse. Ante a minha hesitação, acrescentou: – Faça favor.

Tive de me curvar para passar por baixo do lintel de granito da entrada. Lá dentro, ele pendurou o chapéu no gancho de um bengaleiro de madeira feito com uma canga de boi e recebeu um beijo de uma mulher nova com um avental escuro. Imaginei que andaria pelos trinta anos; tinha olhos melancólicos e trazia o cabelo apanhado sob um lenço de linho preto. Não conseguia vê-la muito bem porque estava escuro, e os meus olhos ainda não se tinham adaptado à penumbra do interior.

Deu-me as boas-vindas com um sorriso. Encontrávamo-nos num corredor de teto baixo. Dava a impressão de que tínhamos entrado num mundo em miniatura, como se o espaço tivesse encolhido.

O velho camponês fez-me sinal para ir atrás dele, abrindo em seguida uma porta lateral, num gesto que mais parecia uma carícia, e convidando-me a entrar num quarto ainda mais escuro. Hesitei, mas a jovem assentiu com a cabeça, como quem diz: «Não há problema. Entre, vá atrás do meu pai.»

No quarto, em cima da cama feita com cuidado, jazia o corpo minúsculo de uma mulher idosa. Tinha um xaile de malha de lã castanha a cobrir-lhe a cara e o cabelo, e estava toda vestida de preto, à exceção dos pés nus, morenos e encarquilhados. Como raízes arrancadas da terra. Três velas brancas numa pequena mesa de madeira lançavam um jogo de luz e sombra sobre mim, o velho camponês, as paredes, a mulher morta. Tive a sensação de que não deveria estar ali. Mas, por outro lado, parecia-me certo. Como se também a morte fosse uma das razões para eu visitar aquela vila.

A face do camponês era nostálgica enquanto contemplava a mulher, o tipo de nostalgia que, suponho, advém de meio século de desgostos e alegrias partilhados. Daí deduzi, claro, que deveria ser a mulher dele – quero dizer, não uma irmã ou outra parente. Procurei palavras de consolo em português. Mas o meu anfitrião levou o dedo aos lábios e assentiu com a cabeça, indicando que não era preciso dizer nada. E deixou-se ficar de pé junto à cama.

E agora vem a parte que me deixou estupefacto. O camponês juntou os polegares e, com as mãos, imitou um bater de asas acima do peito da mulher. O movimento pareceu libertar-se de amarras e depois subir lentamente no ar até pairar bem acima da cabeça dele. «O corpo é só um casulo e, ao morrer, a alma volta para Deus como...» Enquanto falava, aproximou as mãos de mim, pondo-as em concha como se transportassem uma minúscula oferenda. Sussurrou, como se de um segredo sagrado se tratasse: «... uma borboleta.»

Depois, sentou-se na cama junto da mulher, de costas vergadas, a rezar. Enquanto o contemplava, tive a sensação de que a ideia de haver uma alma era perfeitamente óbvia e indiscutível, tão indiscutível como eu estar naquele momento numa pequena vila de Portugal. *Todos temos uma borboleta dentro de nós à espera de voar e ser livre*, pensava. (Para ti, cristão praticante, este conceito metafísico pode

parecer um lugar-comum e a metáfora em si soar-te-á a *cliché*, mas, como te disse, eu *nunca* penso nesse tipo de coisas.)

Enquanto o homem rezava em silêncio, fui assaltado por dúvidas, questionei-me sobre a razão por que me teria ele levado a sua casa e mostrado a mulher. Sentia-me zangado. Teria ele visto qualquer coisa na minha expressão que lhe dissesse que precisava de fé? Que direito tinha ele de interferir comigo, de me fazer ver a morte, ouvir o seu sermão sobre as almas?

Apetecia-me reaver a distância do turista. Mas sentia-me paralisado ali. Finalmente, depois de uns dois ou três minutos a vê-lo rezar, senti que o seu convite era uma dádiva íntima que eu não merecia. Era como se tivesse atravessado um limiar invisível para uma paisagem mágica, transposto uma fronteira de que andara à procura sem o saber. E que tanto tu como ele me tinham levado até lá.

Isto faz-te algum sentido?

Talvez aches que estou louco, mas comecei mesmo a pensar se aquele homem não seria na verdade uma espécie de santo da aldeia. Olhando para ele – os pelos grisalhos nas faces, as mãos enormes, as costas curvadas –, senti um arrepio profundo, como se o calor da minha existência me tivesse sido roubado.

De repente, a filha dele pegou-me pelo braço e amparou-me até à porta. Quando ia a sair do quarto, o velho camponês fez-me um aceno e sorriu-me de novo. «Uma borboleta», repetiu, desta vez apontando para o meu peito.

Era uma espécie de advertência. Aquilo que eu precisava de ouvir há tanto tempo, desde que soubemos que tinhas sida, talvez mesmo antes – e também aquilo que tenho tido medo de ouvir. (Será mais difícil deixar de *descrever* do que deixar de *crer*? O que têm a dizer sobre isto os teus filósofos cristãos?)

Regressado à estalagem, sentia-me prestes a romper em lágrimas, acabrunhado pelo peso da responsabilidade. Era como se todos os relógios do mundo tivessem subitamente parado e estivessem à espera de que eu pronunciasse um encantamento para voltarem a contar o tempo. E, contudo, era como se regressasse a casa. Como se estivesse na Maplewood Road, a caminho da casa da mãe e do pai. Como se estivesse prestes a encontrar segurança e proteção.

Será essa a essência da fé – a certeza irracional de que estamos em segurança e de que alguém vela por nós?

Qual será a grande responsabilidade que vem com este tipo de fé?

E outra coisa. Sei que vais compreender, porque partilhamos a mesma atração infantil pelo mundo das cores, mas juro-te que havia outra borboleta vermelha e amarelo-âmbar pousada nos degraus brancos que conduzem à entrada da estalagem. Mesmo no degrau mais alto, a abrir e a fechar as asas. Talvez haja muitas por aqui e nesse caso a coincidência não seja assim tão extraordinária. Mas antes de levantar voo e desaparecer pareceu-me tão bonita contra o fundo branco do degrau – uma figurinha de vidro colorido que tivesse adquirido vida –, que tive vontade de me enfiar naquele corpo minúsculo.

E é tudo. Não sei quais serão as consequências disto a longo prazo, só sabia que precisava de te escrever. Sobre a morte e a fé e as borboletas portuguesas.

P.S. Porque será que me ocorrem os piores pensamentos nos melhores momentos? Agora mesmo, ao acabar esta carta, cometi o erro de olhar para o espelho atrás da secretária a que escrevo. A minha própria cara, especialmente a profundidade translúcida dos olhos, assustou-me. Será que me atrevo a escrever-te sobre isto? Hesito em fazê-lo, porque não preciso de mais terror na minha vida. Mas, se quiser cumprir o acordo que fizemos naquele dia, no teu quarto do Hospital Mount Sinai, de falarmos de tudo o que é importante, então precisas de saber o que sinto.

Aquilo que sei agora, claro, é que a metáfora da borboleta não serve de nada, tal como aquelas drogas «promissoras» com que os médicos te encharcavam. Mas há um medo mais fundo. Porque, mesmo que o camponês tenha razão, mesmo que todos tenhamos no centro de nós uma alma-borboleta, a mulher dele era velha. Era tempo de a alma deixar o seu casulo. Mas não era para ti! Foi simplesmente abusivo da parte d'Ele pedir-te para te ires embora. Um homem de trinta e nove anos? O meu irmão? Ainda estavas no princípio da tua metamorfose. As tuas asas ainda não se haviam formado completamente. Como poderias tu voar até Deus?

«Para com as poesias e não sejas melodramático!», ouço-te dizer. «A borboleta é apenas uma metáfora. A minha alma não se perdeu no caminho.»

Tinhas sempre tanta certeza na voz quando falavas destas coisas.

E talvez seja verdade. Não sei. Mas sinto uma dor crescer no estômago quando me lembro da tua face descarnada no hospital, e que não é metáfora nenhuma. E quando agora olho para o espelho e vejo o teu reflexo nos meus olhos cinzentos e cansados, sinto regressar todo o horror dos últimos dois anos. Meu Deus, como somos parecidos, mesmo que separados por cinco mil quilómetros e a eternidade!

O mesmo cabelo castanho encaracolado, o mesmo nariz comprido e direito. O mesmo meio-sorriso quando lutamos contra a tristeza, como se tivéssemos passado a vida a lutar contra o peso de um inevitável destino de destruição.

Nunca te contei isto, mas, quando éramos miúdos, às vezes punha-me a olhar para ti a meio da noite, a ver-te dormir. Enroscado na cama, com a cabeça pousada na almofada de flanela do Homem-Aranha, não te parecias nada com o inimigo com quem discutia por causa dos brinquedos, dos livros de quadradinhos... de praticamente tudo. Não, estavas reduzido àquilo que era essencial: um rapazinho a sonhar – o meu irmão mais velho.

E desejava que me deixasses amar-te como te amo agora.

Por vezes, imaginava que ficava igual a ti quando deitava a cabeça na almofada. Éramos dois rapazinhos a fazerem juntos a mesma jornada.

E esse é o terror mais profundo. Ponho-me a pensar até que ponto seremos parecidos nos anos que aí vêm, agora que já cá não estás e eu continuo a avançar para os quarenta, cinquenta, sessenta anos... vou deixar-te para trás, perder mais de ti a cada ano que passar, talvez deixe de te ouvir na minha voz, de te ver dormir à noite quando pouso a minha própria cabeça na almofada. E a tua alma também vai voar para longe. O espaço que ela ocupa em mim vai mirrar. A memória encontrará um recanto seco e oco. E o espelho refletirá apenas a minha própria face abandonada.

